

NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A HISTÓRIA DE TIMOR LESTE

Maria Johanna Schouten*

Agora, que Timor Lorosae dá os primeiros passos para a condição de estado independente, é importante ter informação sobre a história complexa deste território e do seu povo. Vários livros recentemente publicados podem ajudar-nos nisso. Entre esses livros há alguns que se distinguem pela sua originalidade e minuciosidade, nomeadamente as obras de René Pélissier, Monika Schlicher e Arnold Kohen. (1996; 1996; 1999).

Os estudos de Pélissier e de Schlicher foram publicados respectivamente em francês e em alemão, não estando previstas traduções em Português, segundo as minhas informações. Estes dois estudos, baseados em pesquisas extensas, têm em comum o período focado, que é de meados do século XIX até 1912/3. É uma época que foi durante muito tempo negligenciada mas que é crucial, tanto para Timor Leste como para Timor Ocidental. Foi então que se realizou a expansão e a consolidação do poder colonial.

Nos anos 1850, efectuaram-se as deliberações entre Portugal e os Países Baixos para a definição dos territórios sob as respectivas influências. No acordo alcançado, Portugal cedeu, contra uma indemnização, a parte oriental de Flores e várias pequenas ilhas tais como Alor e Solor. Também foram delimitadas as fronteiras na ilha de Timor entre os territórios aos quais as duas potências coloniais teriam direito. No entanto, a demarcação dessa «Grande Fronteira» ainda deixou várias incertezas.

Nas décadas seguintes, Timor Leste conheceu um desenvolvimento económico de alguma dimensão, em particular pela expansão notável do cultivo do café. No entanto, as acções portuguesas foram caracterizadas em primeiro lugar pelo estabelecimento e pela manutenção da supremacia colonial, pela força das armas. A última grande revolta dos Timorenses deu-se no período 1911-1912, e esta foi suprimida com acções militares de uma forma sem precedente. Foi a pacificação efectiva: durante décadas, a dominação pelos portugueses da parte leste de Timor, e o enclave de Oikussi, não seria mais contestada pelos habitantes.

Como é assente nos livros de Pélissier e de Schlicher, no período em análise os Portugueses travaram batalhas sem fim para conseguir a submissão definitiva dos vários reinos timorenses. No entanto, na prática estas guerras desenrolavam-se, não entre Portugueses e Timorenses, mas entre Timorenses e Timorenses. Com efeito, a maior parte das tropas portuguesas era constituída por Timorenses. As tropas regulares, que incluíam Europeus, Africanos e Goeses, só formavam o pequeno núcleo e soldados timorenses eram indispensáveis. Entre eles figurava, em primeiro lugar, o contingente de «moradores», as milícias daquele tempo que viviam quase todos em Díli, já desligados da sua comunidade de origem. Eram considerados os combatentes os mais dedicados. Estas tropas foram ainda complementadas por «arraiais», soldados recrutados para a ocasião, nor-

* Professora associada de Antropologia, da Universidade da Beira Interior

malmente pelos régulos aliados dos portugueses. Estes *datus* e *liurai* foram confirmados na sua autoridade por títulos militares portugueses.

Os Portugueses, embora raramente mostrando respeito por costumes tradicionais, aí aproveitaram-se do grande peso ritual em Timor da prática de caça às cabeças. Nas batalhas, a degolação dos vencidos era essencial e as baixas, também nos relatórios oficiais, foram contadas em números de cabeças cortadas. As autoridades coloniais concederam, ou estimularam, essas práticas levadas a cabo pelas suas tropas, por meio da atribuição de prémios por cada cabeça entregue, e pelo patrocínio implícito ou explícito das festas rituais que seguiam às batalhas. Às vezes, os crânios eram enviados para museus na Europa, afim de servir de objecto de pesquisa antropológica.

Essas lutas e o seu enquadramento histórico e social são abordados tanto por Schlicher como por Pélissier; no entanto, este revela-se mais rigoroso, dando conta de inúmeros pormenores e explicações possíveis. Pélissier é um reconhecido especialista da história colonial portuguesa em África; alguns dos seus livros sobre a história militar em Angola, Moçambique e Guiné são publicados em tradução portuguesa na Editora Estampa. O seu profundo conhecimento da política colonial portuguesa, e dos desenvolvimentos internos em Portugal, evidencia-se neste livro, embora no texto principal o autor limita-se conscientemente à história de Timor Português no período indicado.

Pélissier apresenta a temática das campanhas militares sempre atendendo ao contexto. Este pode ser constituído por factores como as condições económicas, as relações internas entre os habitantes do território, a situação no seio das tropas portuguesas, o feitiço e a vida pessoal de determinados portugueses. Observações sobre esta matéria abundam nas notas de roda-pé. Estas «petites histoires», frequentemente redigidas de tom irónico, proporcionam uma leitura interessante e agradável. Assim contrabalança a maior parte do texto principal, em que abundam relatórios de batalhas, nomes, números e datas, embora o autor facilite a vida ao leitor fornecendo mapas, cronogramas, esquemas de ordem diversa e um glossário. E, não esqueçamos a sua cativante maneira de relatar.

Era transmontano o homem mais citado nas obras de Pélissier e de Schlicher. O seu nome: José Celestino da Silva, governador de Timor de 1894 até 1908. Evidenciando energia e visão, conseguiu confirmar a autoridade dos Portugueses e de si próprio: desenvolveu e reorganizou o cultivo de café e tomou várias medidas para o melhoramento das comunicações e da saúde pública. Aprendeu o Tétum em poucos meses. Mas foi pela acção militar que o seu mandato ficou mais marcado, e as «guerres Célestiennes» (expressão de Pélissier) pareciam resultar numa supremacia portuguesa incontestada. Celestino da Silva menosprezava a gestão dos Holandeses na outra metade da ilha. Nas suas palavras em 1900 (e aqui faço uma re-tradução de Pélissier, página 189): «Nunca esta colónia [Timor] custou tanto a Portugal como custou à Holanda seu posto em Kupang, embora eles não façam guerras, dado que não exigem nada dos indígenas.» Por outro lado, como Pélissier também regista, os Holandeses visitando Timor Leste no princípio do século XX admiravam-se, no sentido negativo, sobre o regime militar, mas no sentido positivo sobre a infra-estrutura implementada.

O trabalho de Pélissier é baseado numa pesquisa documental extensa. Utiliza fontes arquivais e publicações de vários tipos, inclusive a literatura «cinzenta» publicada em revistas tais como o *Boletim Oficial de Macau* e o *Correio Macaense*. Estas são agora mais acessíveis graças ao investigador australiano Kevin Sherlock, que tem tido grande mérito na compilação de bibliografias sobre Timor. Pélissier, regra geral, justifica a sua forma de utilização das fontes, nas notas, muitas vezes comparando os vários documentos. O autor presta um grande serviço a futuros investigadores pela sua bibliografia anotada.

O belo livro de Monika Schlicher é publicado pela editora em Hamburgo especializada em literatura sobre a Ásia, a Ambera. Não é insignificante que a autora esteja familiarizada com a historiografia alemã, ao utilizar obras alemãs sobre Timor e sobre o colonialismo em geral e ao referir a apreciação do colonialismo português, no século XX, entre intelectuais alemães.

Como o título indica, o livro de Schlicher é uma pesquisa crítica da história colonial de Portugal em Timor Leste. A história deste território, e de Portugal, é analisada ao longo de um período bastante mais extenso do que 1850-1912, sugerido pelo título. Quer os contactos portugueses com a zona de Timor estabelecidos a partir dos inícios do século XVI, quer os acontecimentos no fim do período colonial foram tidos em conta, bem como o período da ocupação indonésia.

Schlicher demonstra que, não obstante a enorme distância e a dificuldade de comunicação, os acontecimentos internos desenrolados em Portugal tiveram importantes repercussões em Timor. Os governadores foram em regra aliados dos grupos com poder em Lisboa e, em parte por isso, foram frequentemente substituídos. Porém, José Celestino da Silva permaneceu em função por um período de catorze anos, devido aos seus laços estreitos com o próprio rei Dom Carlos; a sua demissão seguiu-se ao regicídio em 1908. Dois governadores (um deles interim) de Timor, Pimenta de Castro e Filomeno da Câmara, iam, regressados à metrópole, ter papéis importantes na vida política.

A autora realizou um estudo histórico mas por vezes aventurou-se em terrenos como a etnologia timorense. Não deveria ter feito. As discussões de assuntos como religião étnica e organização política tradicional revelam que tem pouca destreza na antropologia e um certo desconhecimento do contexto cultural do Sudeste Asiático. Demonstra conhecer alguma da literatura antropológica conceituada sobre Timor, mas a maior parte das fontes utilizadas sobre a cultura timorense são relatos de oficiais e viajantes ou então obras recentes de cariz jornalístico ou político.

Quanto a Portugal, discute a sua precária situação política-económica, nos finais do século XIX e princípio do século XX, em relação com a política colonial. Esta tinha como constante a ideologia que Portugal levava a cabo uma missão civilizadora nas suas colónias, as quais eram vistas como sendo partes integrantes da Nação. A corroborar esta mesma visão têm existido várias teorias, das quais a autora destaca o Integralismo Lusitano e o Luso-Tropicalismo, - este último tem sido recentemente objecto de vários estudos importantes.

Tendo em conta a atenção que Schlicher dá à referida missão civilizadora, é incompreensível que descure as actividades missionárias em Timor Leste, sendo a introdução de escolas apenas referenciada no epílogo. Qualquer discussão acerca do colonialismo estará incompleta sem a análise das influências culturais. Este aspecto é igualmente importante para a situação contemporânea, que a autora diz querer perceber melhor mediante a sua investigação. Desde várias décadas, o catolicismo e, em certa medida, a língua portuguesa, têm desempenhado um papel crucial na cimentação de uma identidade para o povo do ex-Timor Português. No entanto, como a autora também refere, em 1974 apenas 30 por cento da população era cristã e só 15 a 20 por cento estava familiarizada com o Português. Isso devia-se, como é argumentado neste livro, ao facto de na prática (e também no discurso) da maioria dos oficiais portugueses em Timor e nas restantes colónias, o ensino da dita civilização se limitar ao «trabalho», segundo as normas dos Portugueses.

Sobre o papel do catolicismo em Timor Leste somos bem informados no terceiro livro que queria assinalar, o de Arnold Kohen sobre o bispo de Díli, Carlos Filipe Ximenes Belo. É um estudo diferente dos de Pélissier e de Schlicher. Não é obra dum historiador mas dum jornalista; trata do período contemporâneo. Também, ao contrário dos outros, já é traduzido em português, embora seja aconselhável a leitura na língua original, o inglês.

É um livro precioso, pelo facto do autor ter vivido de perto vários dos acontecimentos relatados. Kohen, que já durante muito tempo se interessava por Timor, e que tinha contactos com elementos prominentes na hierarquia católica, conheceu Monsenhor Belo pessoalmente em 1993 e passou a viajar e a cooperar com ele desde então. O livro contém dados pouco conhecidos da história recente de Timor, principalmente pelas referências oportunas e pormenorizadas de artigos de imprensa diária e semanal internacional (nomeadamente a americana, e a de entidades católicas). O convívio do autor com o bispo dá um toque singular.

Assim, relata o ambiente de suspeita com o qual Ximenes Belo foi confrontado em 1983, quando foi nomeado administrador apostólico de Díli. Parece que a nomeação deste jovem e tímido salesiano, que não vivera em Timor durante os primeiros anos após a invasão pela Indonésia, era para beneficiar as autoridades Indonésias. É verdade que Belo era uma figura bastante diferente do seu antecessor, Monsenhor Martinho da Costa Lopes. No livro há a devida atenção à vida notável do Monsenhor Martinho, que não se cansava de corajosamente denunciar ao mundo as injustiças e atrocidades cometidas pela Indonésia. No entanto, foi obrigado retirar-se em Portugal, onde passou os seus últimos anos de vida esquecido, em condições precárias, dedicando-se aos refugiados timorenses.

Belo sempre tentou deambular entre os vários grupos e visava a reconciliação, empreendimento que se verificou ser uma tarefa árdua. Nesta biografia, ele é caracterizado à luz das categorias que lhe dão identidade: como Timorense, como homem da igreja católica, e como membro da sua ordem religiosa, os Salesianos. Kohen não esconde a sua empatia profunda com a figura principal do seu livro. A partir da biografia de Belo o autor aborda os desenvolvimentos recentes em Timor, mas também a situação complexa de membros do clero católico em áreas de tensão em qualquer lugar no mundo. Considerações e factos valiosos

são incluídos sobre a diplomacia internacional do Vaticano e igualmente aquela dos Estados Unidos e da Austrália.

Assim, Kohen dá um retrato vivo e humano da sociedade de Timor Leste nas décadas finais do século XX. Para quem procura informação profunda e fidedigna sobre a história ao longo prazo e a cultura de Timor, este não é o livro mais indicado. Mas essa lacuna pode ser em parte colmatada por qualquer dos dois outros livros discutidos, que merecem uma boa tradução em português.

Bibliografia

- Kohen, Arnold S. (1999) *-From the place of the death; The epic struggles of Bishop Belo of East Timor*. New York: St Martin's Press. [Por Timor: Biografia de Monsenhor Ximenes Belo. Lisboa: Ed. Notícias.]
- Pélissier, René (1996) *-Timor en guerre; Le crocodile et les Portugais (1847-1913)*. Orgeval (F.): edição do autor.
- Schlicher, Monika (1996) *-Portugal in Ost-Timor; Eine kritische Untersuchung zur portugiesischen Kolonialgeschichte in Ost-Timor, 1850 bis 1912*. Hamburg: Abera-Verlag